

Marcos Pereira



**É fundamental
que Saraiva e Cultura
sobrevivam**

Marcos da Veiga Pereira, em seu segundo mandato como presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Snel, tem defendido a ideia de que a falência das duas maiores livrarias do País está atrelada muito mais ao modelo de negócio adotado do que à crise sem precedentes enfrentada pelo mercado editorial desde 2015. Em palestra na sede da Abigraf, em fevereiro, o sócio da Sextante, editora criada em 1998 com o pai Geraldo Jordão Pereira e o irmão Tomás da Veiga Pereira, apresentou um quadro detalhado da conjuntura que levou Cultura e Saraiva ao colapso.

A origem remonta ao final da primeira década dos anos 2000. Em 2008, a Saraiva triplicou seus pontos de venda após a compra da Siciliano, que já carregava problemas financeiros, e investiu em categorias com uma estrutura tributária muito mais complexa do que a dos livros (leia-se *games*, eletrônicos e *smartphones*). Ao mesmo tempo, em janeiro de 2009, como relatou Marcos Pereira, a Cultura anunciou seu plano de expansão, com o aporte do fundo de investimentos Capitale Mezanino, e a abertura de 10 lojas em cinco anos. Notadamente no Rio de Janeiro, com as lojas do *shopping* Fashion Mall e do Cine Vitória, as decisões se mostraram equivocadas, consumindo boa parte do capital investido.

O Brasil atravessava um período de bonança. O segmento de livros cresceu 40% entre 2006 e 2011, porém a manutenção dos preços nominais fez com que o faturamento real permanecesse inalterado. Em 2013, o reajuste das passagens de ônibus em São Paulo foi o estopim para o início de uma série de protestos que varreram o País e culminam com o *impeachment* de Dilma Rousseff em agosto de 2016. O mercado editorial sofria, também, com a política de preços e de descontos praticada pelo comércio *online*, intensificada pela chegada da Amazon ao Brasil, em 2015.

Diante desse cenário, não houve como contornar as decisões estratégicas equivocadas, na

visão de Marcos Pereira. Investimentos incorretos, endividamento, estruturas administrativas inchadas e perda de foco levaram Cultura e Saraiva ao fechamento de 40 lojas e a demissão de mais de duas mil pessoas em 2018.

Nesta entrevista, Marcos Pereira, neto do editor José Olympio e ex-presidente do Instituto Pró-Livro (IPL), discute a lei do Preço Fixo e outras alternativas para o setor.

O senhor vê saídas para a Cultura e a Saraiva? É importante que elas sobrevivam?

É fundamental para o mercado brasileiro que Saraiva e Cultura sobrevivam, pois são as marcas mais reconhecidas pelos leitores. A saída passa por um processo de reorganização das empresas, se possível com uma nova estrutura de capitalização, que permita aos editores voltar a fornecer crédito.

Por que o modelo de consignação vem sendo questionado? O senhor acredita que há alternativas?

O modelo de consignação vem sendo questionado pela gestão ineficiente de livrarias e editores. A consignação deveria ser tão somente a transferência do risco de capital de giro, mas passou a ser um mecanismo perverso de falta de atenção a índices fundamentais de varejo, como giro de estoque

e exposição nas lojas. A alternativa me parece ser a formalização de contratos entre as partes, estabelecendo prazos para prestações de contas, conciliações de estoques periódicas e devoluções de saldos com giro elevado.

O Snel já foi contra, porém hoje apoia a proposta de Preço Fixo. Por quê? Qual é a proposta do Snel e quais benefícios pode trazer para o mercado como um todo e para o consumidor final?

A venda *online* passou a ser pautada por descontos excessivos, que desvalorizam o livro e não podem ser acompanhados pelo varejo tradicional. Ao responder sua pergunta entro no *site* de uma loja e vejo o livro *Aprendizados*, de Gisele Bündchen, lançado em novembro de 2018, sendo vendido com 49% de desconto, por R\$ 22,80.

“A proposta do Snel é um modelo parecido com o praticado na França, Alemanha, Espanha, Itália, México, Argentina e Japão, em que nos primeiros 12 meses do lançamento o desconto máximo a ser praticado pelo varejo é de 10% sobre o preço de capa”

Não faz o menor sentido, essa venda está sendo efetuada com prejuízo, servindo apenas para atrair o consumidor.

A proposta do Snel é um modelo parecido com o praticado na França, Alemanha, Espanha, Itália, México, Argentina e Japão, em que, nos primeiros 12 meses do lançamento o desconto máximo a ser praticado pelo varejo é de 10% sobre o preço de capa. Isso faz com que a competição entre os varejistas se baseie em serviço, acervo, ambiente da loja e equipe. Para o consumidor, isso possibilita uma indústria mais ativa, com mais livrarias, permitindo a publicação de novos autores.

“
A aprovação pelo MEC da verba para o PNL D Literário foi uma ótima notícia.
”

Como foi este primeiro trimestre para os editores?
Bastante difíceis, mas melhor do que o esperado. Saraiva e Cultura continuam operando, colocando “a casa em ordem”, mas sofrendo com desabastecimento. Os livros escolares tiveram uma queda acentuada de vendas, o que significa que as editoras tiveram que encontrar outros canais de comercialização. Para as editoras de obras gerais a redução foi bem menor, os números que vemos pelo Painel de Vendas da Nielsen indicam uma queda de 8%.

Além do impacto do calote das duas principais redes de livrarias, quais são os desafios enfrentados pelos editores hoje?

Recebemos uma ótima notícia no dia 29 de março, que foi a aprovação pelo Ministério da Educação da verba necessária para a execução do PNL D Literário de 2019. Isso dará uma

injeção de caixa importante para os editores. O calote foi de alguma forma absorvido pelas empresas. O grande desafio hoje é a recuperação da credibilidade para que os editores voltem a publicar novos lançamentos, motor principal da indústria.

Quais as perspectivas para os próximos meses?

Espero que as vendas comecem a convergir para os mesmos números de 2018, mas precisamos também que as condições macroeconômicas do País comecem a melhorar. A demo-

ra na votação da Reforma da Previdência e as tensões permanentes entre executivo e legislativo nos preocupam, pois sem novos investimentos não teremos a diminuição do desemprego e o otimismo necessário para a virada da economia brasileira.

E para a Bienal Internacional do Livro Rio, organizada pelo Snel? O que podemos esperar?

A Bienal do Livro é um evento consagrado e tem sobrevivido à crise de forma espetacular. Os números de eventos dentro da Bienal e de visitantes cresce continuamente desde 2013, e nosso desafio aumenta a cada edição.

Teremos o Japão como país homenageado, o que muito nos orgulha, por reafirmar o caráter internacional de nosso evento. Autores consagrados, nacionais e internacionais, participarão de uma ampla agenda de eventos. Com o patrocínio da Microsoft, realizaremos um grande Fórum de Educação, discutindo maneiras de estimular a leitura nas escolas brasileiras. 🇧🇷

